

tintos e emoções as verdadeiras razões de ser da arte.

Cezário Verde e António Nobre abrem êsses novos horizontes (1). O primeiro, introduzindo o cotidiano na poesia; o segundo, exprimindo-se a si mesmo. Não esqueçamos Eugénio de Castro, que apresenta uma expressão formal diferente de tudo o que até então existira.

Diz G. Simões que nesta altura «o homem sentia-se escravo de fôrças obscuras. Mas agora a sua comunhão com o mistério da paixão humana e com os segredos do mundo não era só um sentimento: era também uma idéa. O homem compreendeu qual o valor da poesia como forma de comunicação com essas fôrças obscuras. Por isso já não parecia disposto a abandonar-se a sentimentos acidentais, mas a buscar, por recursos conscientes, o rumo do «Desconhecido, da Sombra, da Distância, do Oculto».

E assim estava lançada a pedra para a construção do movimento modernista.

E' depois que surgem em Portugal os escritores futuristas e cubistas — Sá Carneiro, Luiz de Montalvôr, Fernando Pessoa, Santa Rita, Almada Negueiros, Angelo de Lima, Raúl Leal, etc. — todos êles verdadeiros iniciadores do modernismo. Influenciados pelas idéas futuristas vindas do estrangeiro, os artistas que se retiniram à volta das revistas «Orpheu», «Centauro» e «Portugal futurista» procuraram o extravagante e a originalidade a todo o custo; combateram a rotina; criaram um movimento de sentido artístico verdadeiramente revolucionário, sacudindo as letras portuguesas do adormecimento em que haviam caído. Pelas suas extravagâncias e originalidades, adquiriram fama de malucos. Mas, postos de parte os muitos exagêros, facilmente se descobre nêles os mestres da geração que se lhes segue: a geração «presencista».

E' com a revista «presença», que o mo-

dernismo atinge o seu apogeu e segurança. Revista surgida por volta da maior crise dum sistema, facilmente viu aumentar o número dos seus admiradores e, também facilmente, os jovens de então se lhe incorporaram. Acrescente-se-lhe ainda o facto de a República ter sido uma prova bastante dura, sobretudo para aquêles que não eram essencialmente políticos. As lutas dos partidos, os insucessos dos govêrnos, a guerra de 1914, tudo isso contribuiu para aumentar rapidamente a descrença na política. Muitos homens que participaram sinceramente nas lutas republicanas, sentiram-se desiludidos com elas. Daí resultou uma atitude de pessimismo para com os políticos, o que levou quasi todos êsses homens a afastarem-se de tudo o que com ela estava relacionado: E uma vez que essa onda de pessimismo vinha também de fora, os homens de então abandonaram por completo o tablado da vida política, e passaram a viver só êles próprios, em luta com as suas inquietações.

Dissemos já que êste período de pessimismo se traduz ideològicamente por um movimento irracionalista, por uma fuga dos problemas sociais, por um espiritualismo cheio de mistérios e misticismos. Os modernistas (2), que dissemos também serem um produto dêste período, assentam a sua teoria de arte precisamente nessa ideologia.

Num artigo publicado na «presença», José Régio manifesta bem o seu desprezo pela ciência: — «... Senhora Dona Ciência, o seu nariz é curto. E os seus olhos não vão mais longe do que a ponta do seu nariz. As suas descobertas... não foram feitas por si. As suas explicações não provam nada, porque de resto nada se prova. E o pior é que nem explicam! Se eu fôr capaz de ver, tão real e perfeitamente como vejo o meu próprio corpo, o corpo de uma pessoa inexistente ou desaparecida, — que me explica a ciência chamando a isso uma

(1) Gomes Leal apresenta já em algumas poesias uma certa tendência mística.

(2) A geração «saudosista» tem também tôdas as características dêste período.